Povo da Terra e o movimento de Jesus

Reflexão sobre a geografia de Marcos

Há muito tempo é sabido que o esquema geográfico do evangelho de Marcos traz consigo um sentido teológico. Também foi reconhecido (por Gerd Theissen) que este esquema pode iluminar a questão da relação entre cidade e campo nos tempos das origens cristãs.

Pelo que consta em Marcos, os lugares do ministério de Jesus são:

Judéia (1,5)
Jerusalém (1,5)
o Jordão (1,5)
o mar da Galiléia (1,16)
Cafarnaum (1,21)
aldeias por toda a Galiléia afora (1,38.39)
Iduméia (3,8)
Tiro e Sidônia (3,8)
a região dos gerasenos (5,1)
a própria terra dele (6,1)
o lugar sem nome, no qual Herodes Antipas se encontra (6,14)
Genesaré (6,53)
a região de Tiro (7,24)
a região da Decápolis (7,31);
Dalmanuta (8,10)
Betsaida (8,22)
Cesaréia de Felipe (8,27)
Betfagé e Betânia (11,1)

Os lugares de encontro são sinagogas, casas, "lugares desertos", a beira-mar, montanhas, o caminho; na Decápolis, um lugar perto de túmulos (5,2); e em Jerusalém, o templo e o Monte das Oliveiras. Áreas agrícolas aparecem nas parábolas de Mc 4. Atividades mencionadas são: as relacionadas com a pesca e a burocracia (alfândega de Levi, entendida como alienante), arrancar espigas de passagem no campo, ser "carpinteiro" e "cavar" no telhado de uma casa.

Certos aspectos desta geografia foram percebidos pelos intérpretes: grandes (e talvez simbólicos) percursos, como a ida de Tiro a Sidônia para chegar ao mar da Galiléia (7,31) e o respeito máximo dado a pequenos lugares. O que para Lucas e Flávio Josefo é uma "lagoa", é para Marcos o "mar" da Galiléia. Mas existe mais um aspecto a ser observado.

Encaminho-o através de uma parábola. Um compositor de músicas populares morre e seu amigo do peito escreve sua biografia. Pelo que consta na biografia, este homem nasceu em Osasco, andou por Osasco, Embu e São Bernardo do Campo, esteve por Cubatão, Jundiaí e Itu, e viajou uma vez para o Rio de Janeiro. Compôs músicas sobre Mário de Andrade, Luíza Erundina e Paulo Maluf. Qual há de ser a reação do leitor? Não está faltando alguma coisa? O esdrúxulo nesta biografia seria a falta total de qualquer referência à cidade de São Paulo, considerando que todos estes lugares estão próximos à grande capital dos paulistanos. Seria inacreditável que o nosso compositor nunca se tivesse fixado dentro dos limites do Município de São Paulo. E seria ainda menos crível que o tal compositor desconhecesse esta cidade. Este silêncio chamaria a atenção e o leitor buscaria uma explicação.

Herodes Antipas construiu duas cidades para serem a capital da Galiléia. Primeiro, reconstruiu a antiga capital, Séforis, após uma rebelião; depois edificou Tibérias e para lá mudou sua sede. Tibérias figura pouco nos evangelhos, e sobre Séforis o silêncio é total. O silêncio é tão inexplicável como aquele sobre São Paulo, na parábola acima. Nazaré, a seis quilômetros de Séforis na estrada principal entre Damasco e o litoral, era uma espécie de cidade satélite de Séforis.

Vamos considerar algumas razões possíveis para o silêncio:

1. Seria simplesmente **desconhecida**? Ou talvez pudesse ser desconsiderada? Séforis era grande demais para ser desconhecida, pois contava com uma população acima de 25.000 habitantes, um teatro para acomodar 4.000 espectadores, um castelo, uma vila muito luxuosa, e bastante engenharia hidráulica. Foi contruída por Herodes, cuja família era bem conhecida em Roma (onde o evangelho de Marcos talvez tenha sido escrito), e teve relações comerciais expressivas com outros centros. Somente um profundo desconhecedor da Galiléia poderia desconhecer Séforis. Isso de Jesus desconhecer Séforis seria inimaginável, à luz da pouca distância e das relações comerciais entre Nazaré e Séforis, isso sem considerar a probabilidade de que um *tektôn* (palavra traduzida por "carpinteiro", mas aplicável a qualquer trabalhador em construção) de Nazaré tenha trabalhado nas obras herodianas de Séforis.

2. Porque Séforis é **pagã** e não uma cidade dos judeus? Ao que tudo indica, Séforis era povoada justamente por judeus. Com o tempo, Séforis passou a estar cheia de sacerdotes judeus e, nos séculos posteriores, abrigava um centro rabínico.

3. Porque estava **helenizada** e era estranha aos judeus do campo? Sem dúvida, a cidade estava contruída em estilo greco-romano. Sem dúvida, tinha um teatro e outras instituições de fora. Sem dúvida, uma cidade como Séforis propagava a cultura das elites, que era a cultura grega. Mesmo assim, o pessoal do campo também sabia grego e a helenização da região inteira já estava avançada. As instituições greco-romanas não forneciam o mínimo motivo, em si mesmas, para desconhecer Séforis.

4. Porque Séforis estava **afastada** do campo? As relações comerciais entre Séforis e Nazaré foram verificadas pelos arqueólogos. Séforis vivia principalmente do campo e das aldeias a seu redor. Estas lhe forneciam os alimentos.

5. Porque era cidade **desprezada**? Eis a razão mais aceitável! As relações comerciais entre Nazaré e Séforis poderiam levar um neoliberal a crer que tudo andava bem, mas o mais provável é que a exploração e o sangramento do excedente do campo foram realidades constantes. Mais ainda, Séforis era a cidade de Herodes, e, portanto, estava apta a receber o mesmo desprezo de que o próprio Herodes era merecedor. (Quanto à atitude de Marcos para com Herodes, veja Mc 6,14-29.) Ainda mais, Herodes tributou o povo para construir as suas cidades. O povo já pagava tributos a Roma, o que era 'inevitável', e a Jerusalém, que gozava de certa legitimidade aos olhos do povo. Sofria, pois, uma tributação dupla. Com os projetos de Herodes veio uma tripla tributação. Jesus tentou minar a legitimidade de Jerusalém, chamando o templo um "covil de ladrões". A Séforis, por outro lado, faltava toda a legitimidade aos olhos do povo. Por conseguinte, ela só foi merecedora de silêncio. O movimento de Jesus foi, então, um movimento do campo? A nossa resposta deve ser cautelosa, mas parece que sim. O movimento de Jesus foi ou *do* campo ou *solidário com* o campo. Uma pesquisa maior foge dos limites deste pequeno artigo. E há fatores como a semelhança entre o movimento de Jesus e os cínicos que devem entrar em futuras discussões. Mas um sinal da relação entre o movimento e o povo da terra é este: Eles não queriam saber da maior cidade da região.

Nota bibliográfica

Um estudo sobre Galiléia encontra-se em Sean Freyne, *Galilee from Alexander the Great to Hadrian 323 BCE to 136 CE* (Wilmington, Michael Glazier, 1980). Um quadro geral dos estudos atuais sobre Galiléia encontra-se em *The Galilee in Late Antiquity*, ed. Lee I. Levine (New York, Jewish Theological Seminary of America, 1992) que inclui artigos sobre as relações cidade-campo da autoria de Douglas Edwards (neoliberal) e Sean Freyne (mais no sentido deste artigo). Séforis foi escavada por arqueólogos nos últimos anos; um relato dos achados encontra-se em *Seforis*, por Eric M. Myers, Ehud Netzer e Carol L. Myers (Winona Lake, Eisenbrauns, 1992). Um outro relato de achados com reflexões sobre Jesus encontra-se em Richard A. Batey, *Jesus and the Forgotten City! New Light on the Urban World of Jesus* (Grand Rapids, Baker, 1991). Gerd Theissen (*Sociologia do movimento de Jesus*. São Leopoldo, Editora Sinodal, 1989) expôs a tese de um movimento de Jesus, rural e itinerante, para o qual o mundo de Séforis seria irrelevante. Uma outra tese, junto com um ataque a Theissen, vem em Richard A. Horsley, *Sociology and the Jesus' Movement* (New York, Crossroad, 1989).

Archibald M. Woodruff
Rua Gravataí 46 – ap. 4
01303-040 São Paulo/SP